

A ROTULAÇÃO NO DISCURSO DA IMPRENSA ESCRITA: UMA QUESTÃO PARA A EDUCAÇÃO

Jaqueline Feitoza Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
jaquelinefeitoza@gmail.com

Márcia Helena de Melo Pereira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
marciahelenad@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo busca discutir o funcionamento dos efeitos discursivos da rotulação em dois textos publicados por duas revistas de circulação nacional: a revista *Veja* e a revista *Carta Capital*, na tentativa de discutir sobre os efeitos de sentidos do mecanismo da rotulação no discurso da imprensa escrita e o emprego de uma abordagem discursiva da referenciação em sala de aula. Para tanto, apoiamos-nos teoricamente nos postulados da Linguística Textual (LT) acerca do conceito de texto, conforme Koch (1997) e (2014), na Escola Francesa de Análise de Discurso desenvolvida por Pêcheux e nos estudos sobre referenciação realizados por Cavalcante (2012), Mondanda e Dubois (2016) e Francis (2016). O corpus é constituído de recortes de duas matérias dessas duas revistas. A análise mostra os efeitos do recurso da rotulação na divulgação de um tipo discursivo polêmico que foi a condenação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Localizamos discursos de grupos políticos de direita e de esquerda a respeito do assunto e posicionamentos ideológicos que se apoiam no discurso da imprensa, através da construção rotulatória dos sentidos e dos sujeitos. Tal abordagem interpretativa em um contexto pedagógico parece-nos essencial para que o trabalho com a leitura de temas polêmicos seja significativa para o discente, chamando a atenção para os aspectos sociais e ideológicos que o compõem.

Palavras-chave: Discurso. Imprensa. Rotulação.

Introdução

A comunicação linguística se dá por meio de textos, sendo eles considerados único material linguístico observável. Sua definição, dentro da Linguística Textual (LT), varia conforme o autor e a perspectiva teórica adotada. Koch (1997) considera que o texto não é apenas produto, estrutura acabada, mas processo, que inclui planejamento, verbalização e construção, sendo concebido como resultado parcial da atividade comunicativa. Assim, os textos são resultados da atividade verbal de indivíduos atuantes na sociedade. Eles não se limitam, portanto, a um artefato

linguístico, mas envolve contextos comunicativos e discursivos. Partindo dessa perspectiva, a autora conceitua o texto como

uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos falantes, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais. (KOCH, 1997, p. 22).

Sob a ótica da LT, portanto, o texto é tratado como um ato de comunicação unificado, dentro da complexidade das ações humanas, como conclui Koch (1992), retomando os postulados de Marcuschi (1983).

Neste trabalho, adotando uma concepção de texto que considere questões pragmáticas e discursivas, além das formais, pretendemos investigar a ocorrência do mecanismo referencial da rotulação em dois textos, sendo: um da revista *Veja* e outro da revista *Carta Capital*, ambos abordando o mesmo acontecimento, tido como polêmico do ponto de vista político e social, a saber: a sentença condenatória contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, proferida pelo juiz federal Sergio Moro. Para isso, dialogamos com teorias da Linguística Textual, acerca do processo da referenciação, particularmente no que diz respeito ao mecanismo da rotulação, e com a Análise de Discurso pecheuxiana acerca dos processos discursivos.

Procuramos, portanto, na análise dos excertos recortados desses dois textos, identificar como o mecanismo na rotulação opera efeitos de sentido e de memória, bem como identificar os posicionamentos ideológicos materializados neles. Dessa forma, analisaremos como se dá o efeito rotulatório no discurso da imprensa, diante de um acontecimento político polêmico, o que permitirá observar as posições ideológicas relacionadas ao referido caso. Ao observarmos as condições de produção e verificarmos o funcionamento do rótulo, podemos compreender não só o sentido do que está dito, mas o implícito, pois, no dizer, há *não ditos* que também significam, como esclarece Orlandi (2012).

Nossas análises assim se darão: primeiramente, analisaremos um recorte de uma matéria da revista *Veja*, publicado em 14 de julho de 2017, de autoria de Rodrigo Rangel. Posteriormente,

analisaremos um excerto a revista *Carta Capital*, publicada em 12 de junho de 2017, cuja autoria é atribuída a Paulo Pinto.

Ao tratarmos acerca desses posicionamentos discursivos opostos, atendemos a necessidade de promover, em sala de aula, atividades que possibilitam interação entre fatores linguísticos e extralinguísticos inseridos no contexto discursivo. Tal conhecimento é necessário para que o aluno consiga perceber para além do dito, compreendendo os implícitos que envolvem determinada leitura. A seguir, lançamos as bases teóricas nas quais nos apoiamos.

Fundamentação teórica: o processo de referenciação

Tratamos, nesta seção, de questões teóricas sobre o processo da referenciação, defendidas por alguns dos principais estudiosos do fenômeno; também, discutimos a noção de rotulação, entendida como estratégia discursiva, que opera tanto revelando intenções argumentativas do locutor, como também o posicionamento ideológico, observável para além da superfície do texto. Ao refletirmos sobre o fenômeno da rotulação, trazemos uma discussão sobre os efeitos de sentido e de memória, embasados na Análise de Discurso pecheuxtiana.

A expressão referenciação é um termo relativamente novo nos estudos acerca dos processos referenciais e é usado no lugar de referência, por este termo ser considerado reducionista, uma vez que remete a processos já pré-definidos, conforme postula Mondanda e Dubois (2016). Ao ressaltar a ideia de processo, coloca-se em evidência que tanto as categorias linguísticas quanto as cognitivas podem variar de acordo com o contexto e as escolhas lexicais podem se moldar de acordo com os objetivos enunciativos.

O fenômeno da referenciação é considerado por Cavalcante (2012) como um dos mais relevantes para a produção e compreensão de sentidos, sendo ele textual-discursivo. Dessa forma, para a organização do texto, esse processo tem relevância significativa em sua produção e compreensão. Conhecê-lo, portanto, como defende a autora, permite compreender os mecanismos de estruturação do texto.

Diante disso, percebemos que, para além de um sistema de etiquetas, a noção de referência parte da ideia de que os “sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e

culturalmente situadas, versões públicas do mundo.” (MONDANDA e DUBOIS, 2016, p. 17). Sendo assim, o problema reside não mais em questionar sobre como se transmite a informação, mas como as atividades humanas conseguem significar o mundo. Partindo da noção de referência para a noção de referencialização, consideramos a última como proveniente de práticas simbólicas, relacionando o texto, a prática não-linguística e seu contexto de produção e interpretação.

Portanto, a referencialização é um fenômeno textual-discursivo que envolve a atividade de construção de referentes, como afirma Cavalcante (2012). Ela ocorre, de acordo com Koch (2009), a partir de uma progressão referencial. Esse processo, por sua vez, segundo a autora, verifica-se mediante três princípios básicos de referencialização: a ativação, quando o referente é introduzido no discurso, representando o que o sujeito entende ser a realidade; a reativação, quando o objeto do discurso é reativado na memória por meio de expressão referencial; e a de-ativação, que se refere à desativação do objeto que já foi introduzido no texto por outro referente.

As expressões referenciais organizam, portanto, o texto, desempenhando inúmeros papéis para tal fim, como ativar a memória do interlocutor. Ressaltamos que uma função textual/discursiva não exclui a presença de outras. São, como já mencionado, inúmeras as funções discursivas que podemos reconhecer nos textos e reforçamos a ideia de que o processo referencial permite a organização textual, pois a mobilização de elementos no texto, ou no contexto, constitui a dinâmica que envolve a referencialização. Esse fenômeno, de acordo com Koch (2009), auxilia na construção de sentido do texto, conforme nos chama a atenção Carmo e Pereira (2017).

As formas de introdução de referentes podem variar, segundo Koch (2014), ocorrendo dois tipos de referentes textuais: a ativação não-ancorada, que é a introdução no texto de um referente totalmente novo, e a ativação ancorada, quando um referente é introduzido, mas associado a outros elementos no cotexto ou no contexto cognitivo. É, pois, na ativação ancorada que ocorre o processo de rotulação, como nos esclarece Carmo e Pereira (2017).

Para a Análise de Discurso, assim como para a Linguística Textual, para além da função gramatical, os mecanismos linguísticos na construção do enunciado estabelecem relação linguístico-discursiva. Segundo Pêcheux (2006), os discursos que atravessam o enunciado promovem sua atualização constante, por meio de atualizações históricas.

Dessa forma, Pêcheux (2006) salienta que o discurso é estrutura e acontecimento e o enunciado é o lugar de formulações equívocas, pois é, ao mesmo tempo, transparente (intradiscurso) e opaco (emergência de outros discursos). Assim há, no enunciado, o dito e o já-dito (intradiscurso), sendo a opacidade da língua indicada pela memória discursiva. Dessa forma, o enunciado só pode ser interpretado, porque em um outro lugar o dito já foi dito. Ademais, também podemos considerar que, além da opacidade da língua, há a opacidade do sujeito no efeito da memória discursiva, sujeito este constituído pela ideologia, não sendo dono do seu dizer.

Posto isso, seguimos nossa discussão trazendo um mecanismo referencial conhecido como rotulação, cuja função, de acordo com Francis ([1994] 2016), é a organização do discurso escrito. Os rótulos, segundo o autor ([1994] 2016), exigem, em seu contexto, a realização lexical. Eles são elementos nominais não específicos, necessitando de interpretação no discurso. Possuem função catafórica, posterior, ou anafórica, anterior. Quando for catáfora, será chamado de rótulo prospectivo; quando anáfora, será chamado de rótulo retrospectivo.

Quando o referente presente no texto ou surgido pelo contexto é reativado na memória pelo interlocutor, ocorre a ativação do aspecto cognitivo-discursivo. Os rótulos assumem, também, uma função predicativa, ao reativar uma informação já apresentada no texto ou uma informação nova, mas deduzível, como esclarece Koch (2009).

A direção argumentativa do texto, aspecto semântico-pragmático, é orientada pela escolha do nome núcleo e dos modificadores nominais, podendo o locutor valer-se, para tanto, de metáforas, nomes genéricos e metonímias. As nominalizações também podem ser tratadas em seu aspecto textual. Nessa perspectiva, observamos a função organizadora dos rótulos, pois eles funcionam como recursos coesivos, seja na função de catáfora ou anáfora, podendo sumarizar ou encapsular o discurso. Portanto, os rótulos vão além da função coesiva da superfície textual, exercendo função de operadores argumentativos manejados pelo locutor na produção do texto, de acordo com os postulados de Koch (2014) e Francis ([1994] 2016).

Passemos, agora, para a análise dos textos que recortamos das duas revistas em discussão. Consideramos, em nossas análises, os aspectos argumentativos e discursivos do mecanismo da rotulação. Destacamos, nas duas matérias analisadas, os rótulos presentes em expressões que revelam, mesmo diante de uma suposta neutralidade que se espera nos discursos jornalísticos,

formações discursivas (FDs) opostas, ao atualizar discursos historicamente marcados em ideologias partidárias, isto é, pré-construídos que estão na memória discursiva e que aparecem como efeitos de sentidos.

O caso da condenação do ex-presidente Lula – Revista *Veja*

A rotulação, segundo Francis ([1994] 2016), é comum em veículos de imprensa. O autor afirma que “o relacionamento entre o rótulo e a(s) orações(s) que ele constitui não é um processo aleatório de nomeação, mas uma codificação de percepções partilhadas ou partilháveis, do mundo.” (FRANCIS, [1994] 2016, p. 226). Ratificamos que, ao observarmos as condições de produção de um texto e verificarmos o funcionamento de rótulos nele presentes, podemos compreender não só o sentido do que está dito, mas o implícito, pois, no dizer, há não ditos que também significam, como esclarece Orlandi (2012). Percebemos, desse modo, que ao tratarmos os aspectos discursivos da rotulação no âmbito pedagógico, traremos uma abordagem interpretativa que contemple tanto o aspecto linguístico como o extralinguístico, na medida em que retomaremos memórias discursivas, observáveis para além da linearidade textual. Este é o excerto do artigo da revista *Veja* que recortamos para análise:

O juiz Sergio Moro condenou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva a nove anos e meio de prisão pelos **crimes** de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. A sentença, anunciada nesta quarta-feira, é a decisão derradeira de Moro no processo em que o petista foi acusado pela força-tarefa da Lava-Jato de receber propina da **OAS**, uma das **empreiteiras** do chamado **clube do bilhão**, que **se refestelou** nos últimos anos com contratos bilionários na Petrobras. Entre **as vantagens** recebidas por Lula, segundo a acusação, está um apartamento triplex no balneário do Guarujá, em São Paulo. É a primeira vez que um ex-presidente do Brasil é condenado por corrupção. (**grifos nossos**)

Destacamos, no excerto, as rotulações tanto prospectivas como retrospectivas, demonstrando sua função encapsuladora e também evidentes posicionamentos ideológicos. O rótulo “**se refestelou**” apresenta-se como uma rotulação retrospectiva, ao referir-se à “**OAS**” e prospectiva, fazendo menção a “contratos milionários da Petrobras”. No caso do termo “**se refestelou**” há, ao

mesmo tempo, um encapsulamento do termo referido anterior e direciona o interlocutor para o período que sucede, justificando o posicionamento do locutor da acusação direcionada a Lula. No mesmo excerto, o emprego da expressão “**vantagens**” é uma rotulação à acusação de ilicitude praticada pelo ex-presidente, funcionando como prospectiva do termo “um apartamento triplex no balneário do Guarujá”.

Ao reportar à notícia enquanto discurso, podemos observar a relação sócio-ideológica. A interdiscursividade presente na matéria jornalística remete a outros enunciados presentes no mesmo espaço, ou seja, aos implícitos. É possível identificar, no recorte, uma formação discursiva de direita, enunciando o caso com expressões que demonstram seu posicionamento em favor da condenação do ex-presidente, com rotulações realizadas através de sinonímias como “**se refastelou**”, referente à empreiteira que é acusada de dar propina ao ex-presidente, e “**vantagens**”, expressão que produz um efeito rotulatório, com posicionamentos de direita que corroboram com razões que levaram o juiz Sergio Moro a condenar o ex-presidente.

Discursivamente, percebemos que, para além do enunciado no recorte, os implícitos significam, pois as posições-sujeito evidenciam a atualização do discurso de direita; logo, a referida matéria, ao utilizar as expressões “**se refastelou**” e “**vantagens**” e não outras expressões, denuncia, para além do fato, um posicionamento político-partidário de direita.

Além das referidas expressões, percebemos outros efeitos metafóricos no uso das palavras “**crime**” e “**clube do bilhão**”. Na primeira, o efeito de sentido trás a memória da conjuntura política nacional, marcada por uma crise provinda de sucessivos escândalos retratados pela mídia. No jogo discursivo da política, os posicionamentos partidários se mostram nas escolhas de determinadas expressões. É o que ocorre na escolha das palavras “**crime**” e “**clube do bilhão**”, produzindo um efeito de sentido favorável à culpabilidade do referido ex-presidente.

Essas funções referenciais vão além da organização do enunciado, marcando um posicionamento semântico-pragmático que mostra a utilização de um termo provocativo “**se refastelou**” pelo enunciador, o que lembra empanturrar-se. Ademais, o emprego da nominalização “**vantagens**”, na sequência, demonstra o posicionamento ideológico do enunciador, representado pela revista considerada de posicionamento partidário de direita, cujo discurso se atualiza na defesa da ideologia das classes favorecidas sócio-econômica e socialmente. A escolha desses

referentes, como chama atenção Francis ([1994] 2016), não é um processo aleatório de nomeação, mas demonstração de expressões partilhadas, do mundo.

O caso da condenação do ex-presidente Lula – Revista *Carta Capital*

Vejamos, agora, o excerto que recortamos da revista *Carta Capital*, cujos recursos coesivos e argumentativos da rotulação revelam um posicionamento discursivo contra a condenação ao ex-presidente Lula e a escolha do léxico aponta para um posicionamento que revela uma formação discursiva em defesa do partidarismo político de esquerda. Observem:

O juiz Sergio Moro condenou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva a nove anos e meio de prisão pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro no caso do triplex do Guarujá. **A sentença**, anunciada na quarta-feira 12, está relacionada **ao suposto recebimento** de propina em contratos da OAS com a Petrobras.

Lula foi condenado por **supostamente** se beneficiar de recursos desviados para a compra e a reforma do imóvel. (**grifos nossos**)

A primeira rotulação “**ao suposto recebimento**” encapsula o termo “**a sentença**”, realçando seu aspecto semântico pragmático, pois o modificador “**suposto**” evidencia uma avaliação explicitamente negativa, por demonstrar um posicionamento duvidoso da justificativa da sentença, funcionando como um rótulo retrospectivo avaliativo, de acordo com postulados de Francis ([1994] 2006). Novamente, o enunciador faz uso de referência rotuladora avaliativa, ao empregar “**supostamente**”, uma rotulação prospectiva em que o enunciador coloca em dúvida a afirmação precedente “se beneficiar de recursos desviados para a compra e a reforma do imóvel”.

As rotulações “**ao suposto recebimento**” e “**supostamente**” evidenciam efeitos de sentido explicitamente contrários à condenação do ex-presidente, por demonstrar um posicionamento duvidoso da justificativa da sentença, funcionando como rótulos. Novamente, o efeito de sentido da expressão “**supostamente**” põe em dúvida a declaração “se beneficiar de recursos desviados para a compra e a reforma do imóvel”.

Assim, do ponto de vista discursivo, os efeitos metafóricos relacionados às expressões “**ao suposto recebimento**” e “**supostamente**”, e não outras, pressupõem, considerando a opacidade da língua, um posicionamento que coloca em dúvida a imparcialidade da justiça no que diz respeito à condenação do ex-presidente Lula, no caso do processo em que o acusa de recebimento de propina da empreiteira OAS. Para além do dito, percebemos a atualização de um discurso de esquerda.

Análises como essas, no contexto pedagógico, permitem ao docente trazer para a discussão em sala de aula o fato de os agentes discursivos que compõem um texto serem resultados de um processo de elaboração que leva em consideração: o autor que o compôs, o público para o qual o texto foi destinado, o contexto de produção e os meios de circulação da publicação ou divulgação. Esses agentes discursivos exercem influência no texto produzido, como chama atenção Abaurre (2012).

Entre o discurso e o texto, há uma relação necessária, uma vez que um não se configura sem o outro, ocorrendo interdependência entre o texto e o discurso que o originou. Ao propor ao aluno uma abordagem discursiva no trato com o texto escrito, o professor chama a atenção do estudante para o fato de que um determinado discurso se manifesta em determinado texto, considerando, entre muitos aspectos discursivos, as posições sujeito reveladas, como, por exemplo, no papel do autor, cuja liberdade não será plena, considerando as forças coercitivas envolvidas, pois os membros que compõem um grupo social também exercem determinada formação discursiva, refletindo sua ideologia. Percebemos, assim, que para além da linearidade do texto, a exemplo dos recortes analisados, há significados outros passíveis de serem trabalhados no contexto escolar, a fim de despertar no discente um olhar para o mundo e as ideologias que o cercam.

Diante disso, o desafio que é colocado ao docente é trabalhar com a prática discursiva da leitura, pois envolve um trabalho intenso de desestruturação e estruturação do texto lido, ou seja, o processo de tecer e retecer o texto, entrelaçando-o à cadeia do discurso, de acordo com Indursky (2001). É esse processo, como discute a autora, que permite a prática social da leitura, em um ciclo que envolve tanto a produção de texto como a produção de leitura, uma vez que, como discute Orlandi (1987), a leitura também é um momento significativo na constituição do texto, proporcionando um processo de interação verbal. Dessa forma, o sujeito-leitor também se constitui como sujeito-autor, pois, na medida que, no conjunto de vozes da interdiscursividade, é

capaz de produzir um novo texto, este já re-significado pela sua produção de leitura (INDURSKY, 2001).

Ensinar a “produzir” leitura, conforme discute Indursky (2001), pode nos parecer uma tarefa complexa, se considerarmos que esse “ensino” seria a leitura do professor e não a leitura do aluno. No entanto, percebemos que, ao proporcionar atividades como essas, o professor procura suprir a necessidade de promover aos seus alunos uma leitura voltada para o trabalho discursivo, em que o sujeito-leitor consiga compreender o processo histórico, interpretativo e de produção de sentidos. Essa prática social mobiliza a interdiscursividade e permite ao aluno, na condição de sujeito histórico, posicionar-se criticamente diante dos textos, o que possibilitará a formação de leitores maduros, capazes de produzir sentidos e de re-significar textos, como chama atenção Indursky (2001).

Considerações finais

A rotulação e a análise de como se processa os rótulos nos discurso da imprensa possibilita a reflexão de que esse fenômeno funciona como estratégia discursiva que permite, por meio da memória discursiva, localizar no acontecimento discursivo sobre a sentença condenatória do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, proferida pelo juiz federal de primeira instância Sergio Moro, evidentes posicionamentos ideológicos dos sujeitos.

Dessa forma, tanto as rotulações “**se refastelou**” e “**vantagens**”, presentes no texto da revista *Veja*, quanto os rótulos “**ao suposto recebimento**” e “**supostamente**”, discutidos no recorte da revista *Carta Capital*, evidenciam um posicionamento para além da superfície textual, pois essas expressões nos revelam posicionamentos ideológicos dos sujeitos que se identificam com a formação discursiva de direita, em *Veja*, e dos sujeitos que se identificam com a formação discursiva de esquerda, em *Carta Capital*. Assim, o sujeito que se identifica com a *Veja* reforça a culpabilidade do ex-presidente Lula e, na *Carta Capital*, quando o sujeito se identifica com o discurso de esquerda, tenta relativizar a culpabilidade do ex-presidente. Esses rótulos são operados pelo viés da memória discursiva, ou seja, com os pré-construídos do interdiscurso que funcionam implicitamente como efeitos de sentidos em ambos os acontecimentos discursivos das revistas.

Os posicionamentos polêmicos em torno do mesmo acontecimento discursivo, em uma análise da função argumentativa discursiva da rotulação, mostra-nos a função significativa dos rótulos para construção de textos. Assim, ao adotarmos uma perspectiva discursiva no trato com o texto escrito em sala de aula, atendemos a atividades que promovem a interação entre fatores linguísticos e extralinguísticos inseridos no contexto comunicativo.

Referências

ABAURRE, Maria Luísa M. **Um olhar objetivo para produções escritas: analisar, avaliar, comentar.** _1 ed. São Paulo: Moderna, 2012.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Referenciação e compreensão de textos. In: **Os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2012.

CARMO, S. R.; PEREIRA, M. H. de M. Os efeitos da rotulação no processo discursivo: uma análise do discurso religioso. In: Linguística do Texto. **Anais Eletrônicos da XXVI Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste,** 2017.

FRANCIS, Gill. Lavelling discursive: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, M. *Advances in written analysis.* London and New York: Ed. Routledge, p. 83-101, 1994. / Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante, Valéria Sampaio Cassan de Deus e Tatiane Paiva de Miranda; revisão de Alena Ciulla/. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação.** 1 ed. 1ª reimpressão - São Paulo: Contexto, p. 191-228, 2016. (Coleção Clássicos da Linguística)

INDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo de leitura. In.: HERNST-PEREIRA, Araci. **A leitura e a escrita como práticas discursivas** _ Pelotas: Educat, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos.** Ingedore Villaça Koch. _ São Paulo: Contexto, 1997. _ (caminhos da linguística)

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MONDANDA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães;

RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs). **Referenciação**. 1 ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016. (Coleção Clássicos da Linguística)

ORLANDI, Eni P. A linguagem e seu funcionamento. Campinas: Pontes, 1987.

_____. **Discurso & leitura**. São Paulo/Campinas: Cortez/UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

Sites:

<<http://veja.abril.com.br/politica/urgente-lula-e-condenado-a-nove-anos-e-meio-de-cadeia/>>
Acesso em 29/07/17

<<https://www.cartacapital.com.br/politica/moro-condena-lula-a-9-anos-e-meio-de-prisao>> Acesso em 29/07/17